



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

EDLANE DOS SANTOS SILVA

**CONTRIBUIÇÕES DA FAMÍLIA PARA O DESENVOLVIMENTO
DE HÁBITOS DE LEITURA: A CIDADE DE SANTO AMARO (BA) EM FOCO**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

EDLANE DOS SANTOS SILVA

**CONTRIBUIÇÕES DA FAMÍLIA PARA O DESENVOLVIMENTO
DE HÁBITOS DE LEITURA: A CIDADE DE SANTO AMARO (BA) EM FOCO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação – Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

S579c

Silva, Edlane dos Santos.

Contribuições da família para o desenvolvimento de hábitos de leitura : a cidade de Santo Amaro (BA) em foco / Edlane dos Santos Silva. – 2022.

43 f. : il., mapas, color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2022.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre.

1. Incentivo à leitura – Santo Amaro (BA). 2. Letramento – Santo Amaro (BA). I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 028.9098142

EDLANE DOS SANTOS SILVA

**CONTRIBUIÇÕES DA FAMÍLIA PARA O DESENVOLVIMENTO
DE HÁBITOS DE LEITURA: A CIDADE DE SANTO AMARO (BA) EM FOCO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Data de aprovação: 01/02/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre (Orientadora)

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa – UNESP

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof.^a Dr.^a Lavínia Rodrigues de Jesus

Doutora em Linguística – UFC

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof.^a M.^a Raqueline de Almeida Couto

Mestre em Educação e contemporaneidade – UNEB

Colégio Estadual Anna Junqueira Ayres Tourinho – CEAJAT

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a meu Deus, que nunca me deixou desistir dos meus sonhos. Agradeço também à minha filha Fernanda S. Moraes que tanto amo... ela é a razão do meu viver... sempre esteve ao meu lado me ajudando. Ao meu marido Carlos Orlando, por sua motivação nos momentos alegres e difíceis da minha vida e pela compreensão no curso deste trabalho.

À minha mãe que me educou e me ensinou que através da educação e da força de vontade podemos ser uma pessoa melhor e ter uma boa qualidade de vida. Também quero agradecer às pessoas que me criticaram por estar em uma faculdade: essas críticas serviram como incentivo. Com isto, estou aqui agradecendo e realizando meu sonho.

Aos professores da faculdade de Letras da UNILAB, os quais com sua dedicação compartilharam seus conhecimentos. Em especial, agradeço à minha professora orientadora Sabrina Balsalobre por sua compreensão, seu jeitinho amável, por sua valiosa orientação neste trabalho. Eu sou muito grata à minha orientadora e a todos: o meu muito obrigada.

Obrigada, meu Deus!

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

Paulo Freire (1989)

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa trata da contribuição da família para o desenvolvimento do hábito de leitura em crianças e em adolescentes, a partir da perspectiva do incentivo. Desse modo, partimos da concepção de letramento, a qual contempla as diferentes práticas sociais da leitura e de escrita. Entretanto, compreendemos que, por mais que haja textos a serem lidos em diferentes contextos sociais, disponíveis na vida cotidiana, o hábito da leitura requer incentivo para ser desenvolvido. A partir dessa perspectiva, realizamos uma pesquisa de campo com mulheres do município de Santo Amaro (BA). Para o levantamento de dados, realizamos um questionário, cujo principal objetivo era o de investigar se há contribuição e incentivo das famílias, particularmente das mães e/ou responsáveis de filhos e de filhas, para o desenvolvimento do hábito de leitura. Trata de uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa. Para a realização desse trabalho, embasamo-nos em autores/as, tais como Paulo Freire (1989), Roxane Rojo (2009), Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004), Lúcia Cyranka (2016), Maria Cecília Mollica (2007). Além desses textos, posteriormente acrescentamos leituras relacionadas às tecnologias da informação e da comunicação, tais como *Linguística da internet* (2013), *Multiletramentos na escola* (2012) e *Tecnologia para aprender* (2016), as quais envolvem a tecnologia digital como possibilidade contemporânea de acesso à leitura. Também sentimos necessidade de incluir os resultados da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, de 2020, a fim de comparar os resultados de Santo Amaro (BA) com os dados nacionais. Conclui-se que é na mais tenra idade que começa o hábito de leitura. Desse modo, a família tem seu papel importante nesse processo de educação de seus/suas filhos/as.

Palavras-chave: incentivo à leitura – Santo Amaro (BA); letramento – Santo Amaro (BA).

ABSTRACT

This research work deals with the family's contribution to the development of the reading habit in children and adolescents, from the perspective of encouragement. Thus, we start from the concept of literacy, which includes the different social practices of reading and writing. However, we understand that, as much as there are texts to be read in different social contexts, available in everyday life, the reading habit requires an incentive to be developed. From this perspective, we carried out a field research with women from Santo Amaro (BA). For data collection, we carried out a questionnaire, whose main objective was to investigate whether there is contribution and encouragement from families, particularly mothers and/or guardians of sons and daughters, for the development of the reading habit. It is an exploratory research with a qualitative approach. To carry out this work, we draw on authors such as Paulo Freire (1989), Roxane Rojo (2009), Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004), Lúcia Cyranka (2016), Maria Cecília Mollica (2007). In addition to these texts, we later added readings related to information and communication technologies, such as *Internet Linguistics* (2013), *Multiliteracies at school* (2012) and *Technology for learning* (2016), which involve digital technology as a contemporary possibility of access the reading. We also felt the need to include the results of the 2020 *Reading Portraits in Brazil survey*, in order to compare the results of Santo Amaro (BA) with national data. It is concluded that it is at an early age that the habit of reading begins. In this way, the family has an important role in this process of educating their children.

Keywords: encouragement to reading – Santo Amaro (BA); literacy – Santo Amaro (BA).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Imagem da cidade de Santo Amaro.....	22
Figura 2	Imagem dos arredores da cidade de Santo Amaro da Purificação.....	23
Figura 3	Pessoas que influenciam no gosto pela leitura.....	27
Figura 4	Último livro lido ou que está lendo.....	29
Figura 5	Razão para não ter lido mais entre os leitores.....	30
Figura 6	Atividades relacionadas à leitura que realiza na Internet.....	36
Figura 7	Formato que prefere ler.....	36
Figura 8	O que a leitura significa.....	39

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1	LETRAMENTO E INFÂNCIA.....	13
2.2	SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL.....	17
3	METODOLOGIA.....	22
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	26
4.1	ENTRE MÃES E/OU RESPONSÁVEIS E SEUS FILHOS (AS).....	26
4.2	LEITURAS CONTEMPORÂNEAS.....	32
4.3	INCENTIVO À LEITURA.....	37
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
	REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

Em nossas sociedades contemporâneas, principalmente as ocidentais e as que vivenciaram processos de industrialização e de globalização mais intensos, a leitura passou a fazer parte das práticas sociais cotidianas. Entretanto, por mais que haja textos a serem lidos em diferentes contextos sociais, disponíveis na vida cotidiana, o hábito da leitura requer incentivo para ser desenvolvido.

Observamos que é na mais tenra idade que começa o hábito de leitura. Desse modo, a família tem um papel importante nesse processo de educação de seus/suas filhos/as. Muito embora seja comum ouvir afirmações que as pessoas leem pouco ou que não gostam de ler, as pesquisas revelam que as pessoas leem sim cotidianamente. Por isso, é muito importante que mais pesquisa aconteçam no sentido de investigar quais são os hábitos de leituras das pessoas. É necessário compreender qual é a importância da família para esse cenário do incentivo à leitura.

Nesse sentido, eu escolhi fazer a parte prática desse estudo, isto é, a pesquisa de campo, em Santo Amaro (BA) – município que pertence economicamente à região metropolitana de Salvador e culturalmente ao Recôncavo Baiano. Minha escolha se deu por eu ser uma moradora dessa cidade e por ter uma história afetiva com ela.

Primeiramente, quero dizer que meus pais saíram do estado de Alagoas, a fim de trabalhar em Terra Nova (BA) (onde eu nasci), uma pequena cidade próxima a Santo Amaro. Logo depois, saímos da sede de Terra Nova para morar na zona rural do município, ou seja, eu fui criada na zona rural. Sem dúvidas, percebia que minha mãe tinha uma preocupação comigo e com minhas irmãs sobre a leitura, mas ela não podia me incentivar, já que ela própria não tinha o costume de ler. Justamente a partir dessa preocupação de minha mãe, colocaram-me na escola, reconhecendo a importância da leitura. Então, estudei meu ensino fundamental inteiro na zona rural e depois, já no ensino médio, fui para Santo Amaro, onde atualmente resido, e continuei meus estudos.

Tempos depois, tive uma filha e eu senti que era muito importante que ela recebesse um incentivo à leitura. Desse modo, muito antes de a minha filha ir para a escola, eu já comprava livrinhos de historinhas e fazia a leitura e contação de histórias. Assim sendo, quando minha filha foi para escola, ela já tinha um conhecimento de leitura.

A partir da minha experiência pessoal com o incentivo à leitura, senti-me impulsionada a investigar como esse processo se dá com outras famílias. Portanto, o objetivo do presente trabalho científico é o de compreender qual é o papel da família no

desenvolvimento do hábito da leitura de crianças e de adolescentes. Para isso, escolhi a cidade de Santo Amaro para ser investigada, por meio de entrevistas. Inicialmente, tínhamos a intenção de que as entrevistas ocorressem de forma presencial, porém por causa da pandemia de covid-19, essa intenção não foi possível de ser concretizada, em função da necessidade de isolamento social. Assim sendo, realizamos as entrevistas de forma remota, por meio de um aplicativo instantâneo de mensagens. Em seguida, analisamos os resultados e os comparamos com dados nacionais.

Após essa introdução, na seção dois será debatido o referencial teórico particularmente dedicado ao letramento da infância e à Sociolinguística Educacional. Na seção três, serão expostas as escolhas metodológicas que orientaram essa pesquisa. Na seção quatro, será debatida a análise dos dados, a qual foi dividida em três partes, a saber: (4.1) Entre mães e/ou responsável e seus filhos (as); (4.2) Leituras contemporâneas; (4.3) O incentivo à leitura. Por fim, nessa monografia serão vai apresentadas as considerações finais e as referências bibliográficas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Em primeiro lugar, nessa pesquisa científica, será apresentado o fundamento teórico com o qual trabalhamos a respeito da contribuição da família no desenvolvimento do hábito da leitura. Assim sendo, a leitura é o caminho mais certo para o nosso conhecimento, na medida em que vivemos em uma sociedade pautada na escrita. A partir desse contexto, quanto mais a pessoa lê, mais ficará integrada no mundo letrado.

2.1 LETRAMENTO E INFÂNCIA

Segundo Freire, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Propositamente, começamos esse capítulo com essa citação do autor, a fim de nos lembrar que, todos nós, vivenciamos diferentes experiências quando criança. Justamente essas experiências povoam nossa imaginação e isso nos ajuda a desenvolver a leitura. Assim sendo, Freire, em *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam* (1989), ressalta sobre sua infância e sobre sua experiência ao chegar no seu processo de alfabetização. Conforme Freire (1989, p. 11 – grifos nossos):

Mas, é importante dizer, a “leitura” do meu mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado em homem, um racionalista de calças curtas. A curiosidade do menino não iria distorcer-se pelo simples fato de ser exercida, no que fui mais ajudado do que desajudado **por meus pais**. E foi com eles, precisamente, em certo momento dessa rica experiência de compreensão do meu mundo imediato, sem que tal compreensão tivesse significado malquerenças ao que ele tinha de encantadoramente misterioso, que eu comecei a ser introduzido na leitura da palavra.

Segundo Freire (1989, p.11), a decifração da palavra fluía naturalmente da leitura do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando superpostamente a ele: “Fui alfabetizado no chão do quintal da minha casa, a sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro negro; gravetos meu giz”. Dessa maneira, Freire dá a entender como foi sua infância, ou seja, como foi alfabetizado sem perceber que estava adquirindo conhecimento e domínio da língua escrita e da leitura. O autor ainda ressalta a sua chegada à escola:

Por isso é que, ao chegar à escolinha particular de Eunice Vasconcelos, [...], já estava alfabetizado. Eunice continuou e aprofundou o trabalho de meus pais. Com ela, a leitura da palavra, da frase, da sentença, jamais significou uma ruptura da

palavra com a “leitura” do mundo. Com ela, a leitura da palavra mundo foi a leitura da “palavramundo” (FREIRE, 1989, p.11).

Então, nesse sentido, podemos dizer que é imprescindível levar em conta todo o conhecimento informal, cada experiência que a criança traz do seu mundo ao chegar à escola. Assim sendo, o professor facilita o processo de aprendizado, ao estimular e aprimorar o conhecimento, a capacidade e as habilidades prévias da criança para a leitura e a escrita.

Além de sua experiência como menino, Freire igualmente compartilha com o leitor, nesta obra, a sua experiência como docente preocupado com o ensino da leitura. O autor (1989, p. 12) afirma:

Dentro ainda do momento bastante rico de minha experiência como professor de língua portuguesa, me lembro, tão vivamente quanto se ela fosse de agora e não de um ontem bem remoto, das vezes em que demorava na análise de textos de Gilberto Freyre, de Lins do Rego, de Graciliano Ramos, de Jorge Amado. Textos que eu levava de casa e que ia lendo com os estudantes, sublinhando aspectos de sua sintaxe estreitamente ligados ao bom gosto de sua linguagem. Àquelas análises juntava comentários em torno de necessárias diferenças entre o português de Portugal e o português do Brasil.

A partir desse ponto de vista, sabemos que a leitura é um meio de socialização entre as pessoas que fazem parte de uma sociedade letrada. Conforme Freire (1989), a leitura é uma das ferramentas que transforma o indivíduo em um ser questionador e crítico. Por isso, deve ser estimulada desde as primeiras fases da infância, ainda durante o período inicial de letramento. Isso deve ocorrer pelo fato de a leitura estar presente no nosso cotidiano de maneira intensa, então, não é possível negar a importância social da prática da leitura. Dessa maneira, sabemos que quanto mais cedo a criança iniciar o processo de leitura, mais chances terá de se tornar um cidadão crítico e não vai abandonar o hábito de ler. De acordo com Freire (1989, p. 12):

Venho tentando deixar claro, neste trabalho em torno da importância do ato de ler – e não é demasiado repetir agora –, que meu esforço fundamental vem sendo o de explicitar como, em mim, aquela importância vem sendo destacada. É como se eu estivesse fazendo a “arqueologia” de minha compreensão do complexo ato de ler, ao longo de minha experiência existencial. Daí que tenho falado de momentos de minha infância, de minha adolescência, dos começos de minha mocidade e termino agora revendo, em traços gerais, alguns dos aspectos centrais da proposta que fiz no campo da alfabetização de adultos há alguns anos.

A partir desse panorama inicial, alicerçado no pensamento de Paulo Freire, a contribuição da família para o hábito da leitura tem que ser algo prazeroso. A criança não deve ser forçada a nada e esse processo de aprendizagem tem que ser desenvolvido com muito

cuidado para não se tornar uma tarefa cansativa para o indivíduo. Sendo assim, a leitura em família é uma atividade extremamente importante, ainda que não seja uma tarefa fácil, pois requer tempo e estratégia para atrair o leitor.

De acordo com a autora Maria Cecília Mollica, em *Fala, letramento e inclusão social* (2007), as evidências nos apontam que é acentuada a exclusão social tanto maior a distância dos indivíduos em relação à cultura letrada em sociedades com alta complexidade como a nossa. Depoimentos de brasileiros de nível social diferenciado confirmam que a escola faz parte do imaginário coletivo como caminho mais seguro de inserção na sociedade letrada.

A autora ainda aborda que as práticas de letramentos e escritas formais atribuem aos indivíduos maiores chances de constituir cidadania plena. A linguagem formal facilita os meios, embora não represente garantia para retirar os cidadãos do lugar à margem da sociedade. Assim, através da escola, acredita-se que o indivíduo se torne agente ativo e transformador. Para o cidadão comum, portanto, prevalece a ideia de que a educação, especialmente a veiculada na escola e alicerçada na aprendizagem de ler e de escrever, é o caminho mais eficaz de se atingir melhor situação na vida.

Segundo Mollica (2007), o conceito de letramento transcende o conhecimento da escrita para fora do âmbito da escola, na medida em que, nas sociedades complexas, a escrita integra-se em nosso cotidiano. Sob tal perspectiva, compreende-se que a escrita tem múltiplas funções, desde as mais rotineiras até as que permitem acesso às esferas de poder. Assim, o **letramento** é entendido como práticas sociais com as quais se constroem identidades e poder, extrapolando-se os limites da escrita.

A escola é uma das agências de letramentos, paralelamente a outros sistemas assentados na experiência de vida, na necessidade da sobrevivência, na profissão dos indivíduos, na atuação dos cidadãos em suas comunidades particulares ou em âmbito mais geral. A relação tradicionalmente estabelecida, entre escola, letramento, progresso e civilização já está superada, na medida em que, atualmente, entendemos a escola como uma das agências de letramento e não a única.

Corroboramos, portanto com Kirsch e Jungeblut (1990, p.1-8) citados por Soares (2003, p.74), os quais definem o letramento como “uso de informação impressa e manuscrita para funcionar na sociedade, para atingir seus próprios objetivos e desenvolver seus conhecimentos e potencialidades”. Isso porque acreditam no poder do letramento para conduzir ao progresso social e individual.

Conforme Magda Soares (2006, p.6), por letramento entende-se a base do processo de apreensão da leitura e da escrita, já que ambos os processos são, fundamentalmente, meios de comunicação e de interação social. Por sua vez, a alfabetização deve ser vista como instrumento para que as crianças possam envolver-se mais profundamente nas práticas e nos usos da língua escrita. Para a autora (2006, p. 2):

[...] as crianças convivem com a escrita – umas, mais, outras, menos, dependendo da camada social a que pertençam, mas todas convivem – muito antes de chegar ao ensino fundamental e antes mesmo de chegar a instituições de educação infantil. Nessa convivência, elas vão construindo sua alfabetização e seu letramento: seu conceito de língua escrita, das funções do ler e do escrever; seu conhecimento de letras e números [...]. Além de conceitos e conhecimentos, as crianças também vão construindo, em seu contexto social e familiar, o interesse pela leitura e pela escrita, bem como o desejo de acesso ao mundo da escrita.

Por sua vez, Emília Ferreiro (2001, p.17) afirma que:

Se pensamos que a criança aprende só quando é submetida a um ensino sistemático, e que a sua ignorância está garantida até que receba tal tipo de ensino, nada podemos enxergar. Mas se pensamos que as crianças são seres que ignoram que devem pedir permissão para começar a aprender, talvez comecemos a aceitar que podem saber, embora não tenha sido dada a elas a autorização institucional para tanto.

Assim, sabemos que a criança, quando chega à escola com a vivência e cheia de conhecimentos acumulados, não pode ter seus saberes ignorados. Em conformidade com Ferreiro (1996, p.65): “Muito antes de serem capazes de lêr, no sentido convencional do termo, as crianças tentam interpretar os diversos textos que encontram ao seu redor (livros, embalagens, comerciais, cartazes de ruas), títulos (anúncios de televisão, histórias em quadrinhos, etc.)”. Desse modo, os professores podem aproveitar esse conhecimento informal que a criança traz, partindo do educador acrescentar e ampliar esse conhecimento. Nesse sentido, a criança aprende desde cedo, dentro de casa, em conversas com adultos, até mesmo em atividade com outras crianças até chegar à escola.

De acordo com Roxane Rojo, em *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social* (2009), o INAF (Indicador do Alfabetismo Funcional) é um indicador que revela os níveis de alfabetismo funcional da população adulta brasileira. O principal objetivo do INAF é oferecer informações qualificadas sobre as habilidades e práticas de leitura, escrita e matemática dos brasileiros entre 15 e 64 anos de idade, de modo a fomentar o debate público, estimular iniciativas da sociedade civil, subsidiar a formulação de políticas públicas nas áreas de educação e cultura, além de colaborar para o monitoramento do desempenho das mesmas.

Dessa forma, pretende-se que a sociedade e os governos possam avaliar a situação da população quanto a um dos principais resultados da educação escolar: a capacidade de acessar e processar informações escritas como ferramenta para enfrentar as demandas cotidianas.

Segundo Soares (2003), alfabetismo é, na verdade, um conceito que disputa espaço com o conceito de letramento. Se tomarmos a alfabetização como a “ação de alfabetizar, de ensinar a ler e a escrever”, que leva o aprendiz a conhecer o alfabeto, a mecânica da escrita/leitura, a se tornar alfabetizado, alfabetismo pode ser definido como o estado de condição de quem sabe ler e escrever. Desse modo, uma criança que vive em um ambiente com diversos tipos de objetos que contêm palavras por exemplos: livros, jornais, bíblia, dicionário, cartazes etc. são letradas. No entanto, Soares (2003, p.24) afirma que:

[...] a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, por que não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é de certa forma, letrada.

2.2 SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL

A Sociolinguística Educacional é uma das áreas da Sociolinguística – perspectiva científica dedicada ao estudo das variações que ocorrem nas falas das pessoas. Particularmente, os autores dedicados a essa área do saber remetem ao ensino as contribuições sociolinguísticas, o que se convencionou chamar de “Pedagogia da variação linguística”.

Segundo Cyranka (2016), a sociedade brasileira apresenta dificuldade em aceitar as diferenças linguísticas, principalmente quando se trata de diferenças marcadamente sociais. Assim sendo, quando a diferença linguística evidencia condição social e economicamente inferior do falante, a essa variação no modo de se expressar é atribuída uma conotação preconceituosa e que a deslegitima. Por exemplo, quando um texto, falado ou escrito, foge à chamada norma padrão, logo essas variantes linguísticas são identificadas como “erros” de morfossintaxe, principalmente. Segundo Perini (2010 apud Cyranka 2016):

Mas o linguista precisa manter uma atitude científica, com atenção constante às realidades da língua e total respeito por elas. Se ele verifica que as pessoas dizem frases como *se você ver ela, fala com ela pra me telefonar*, precisa reconhecer essa construção como legítima na língua. Por outro lado, em um texto escrito, ele provavelmente encontraria *se você a vir, diga-lhe que me telefone*, e essa construção igualmente precisa ser reconhecida. (PERINI, 2010, p.21 apud CYRANKA, 2016, p.168).

Não existe “certo” ou “errado” em termos linguísticos, como se os falantes não soubessem falar o português. Existem variações linguísticas. Assim sendo, se há entendimento entre um locutor e um interlocutor, logo, ninguém fala errado, seja ele culto ou não. Nesse sentido, as variações linguísticas são um fenômeno natural que acontecem com todas as línguas, como parte essencial da identidade de um povo:

Admitindo a produção linguística como um componente da cultura [...], a competência comunicativa é o que habilita o falante a comunicar-se de modo aceitável com qualquer interlocutor, de seu grupo social ou da sociedade mais ampla, investido de qualquer papel social que lhe for atribuído (BORTONI-RICARDO, 2014, p.88).

De acordo com Cyranka (2018, p.22), no caso da variação linguística, importa que as atividades com a linguagem sejam desenvolvidas considerando o que propõe a Sociolinguística, isto é, que se tenha em mente que a variação é um fenômeno inerente a toda língua, de modo que sempre existiu e jamais deixará de existir. A consequência disso é que, na escola, deve-se observar como acontece essa variação e a que fatores está ligada, a fim de que se dê a ela um tratamento adequado. Isso compete à Sociolinguística Educacional. Essa área do saber trata da “[...] aplicação dos resultados das pesquisas sociolinguísticas na solução de problemas educacionais e em propostas de trabalho pedagógico mais efetivas” (BORTONI-RICARDO, 2014, p.158).

A autora Cyranka (2016) afirma que todas as práticas de letramento devem trazer, implícita ou explicitamente, a busca da identificação das diferenças linguísticas e da tomada de consciência sobre a existência delas e de como trabalhamos com elas.

Para Barbosa (2006, p. 25):

A escola brasileira, instituição responsável pelo ensino da leitura e da escrita, tem fracassado em sua tarefa primeira, porque ainda não consegue ensinar efetivamente todos os alunos a ler e escrever, especialmente quando provêm de grupos sociais pouco letrados. O ensino de leitura baseado no treino da habilidade de decodificação do código escrito, tão criticado nas duas últimas décadas do século XX, tanto nos textos acadêmicos quanto nos oficiais, é uma prática antiga específica, criada e desenvolvida em um meio também específico: a escola. Ela se distancia das práticas sociais de leitura vivenciadas por diferentes grupos, em diferentes contextos e épocas.

Sendo assim, o ato de ler é um processo abrangente e complexo. É um processo de compreensão, de intelecção de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com outro pela mediação da palavra (BRANDÃO; MICHELITTI apud CHIAPPINI, 1998, p.17).

De acordo com Cyranka (2016), dessa forma, o professor vai apontando caminhos que levem seus alunos a dominar as diferentes variedades do português brasileiro, inclusive as cultas, tanto na modalidade oral quanto na escrita, tornando-se usuários autônomos e livres. Mas ainda se tornam abertos às diferenças, respeitando os que não tiveram a oportunidade de ter acesso à plenitude desse bem comum, que é a língua. Trata-se, portanto, de uma pedagogia mais inclusiva e que legitima as diferenças sociais no ambiente escolar. Acerca disso, Cyranka (2018, p.23) menciona que “a pedagogia da variação linguística propõe que a escola leve os alunos ao domínio das variedades cultas da língua, sem desprestigiar as outras variedades, considerando, para isso, a legitimidade do fenômeno da variação e da mudança”.

Segundo Cyranka (2016), o ponto crucial, no entanto, está na determinação de se levar, para as salas de aula, de todos os níveis, efetivamente e sem medo, a reflexão sociolinguística, para que se reconheça a legitimidade de todas as variantes utilizadas nas interações entre usuários da língua portuguesa, juntamente com a necessidade de se adequá-las às condições de produção. A partir daí, é desejável reconhecer a importância de se implantar práticas de letramento que favoreçam o contato dos alunos com os mais diferentes gêneros textuais, desde os que constituem expressão da cultura popular, aos mais formais e complexos, expressão da cultura da língua portuguesa. Estes últimos são exemplos da utilização da norma culta, tanto na modalidade oral quanto na escrita, de modo a levá-los a se tornarem competentes também no uso delas.

A autora ainda trata de sobre outro ponto importante e que favorece esse aprendizado. Trata-se da saudável distinção entre norma padrão e norma culta, para que a escola se liberte definitivamente da tradição nefasta, segundo a qual, “certo” é apenas o que está prescrito nas gramáticas normativas, pesada herança que ainda carregamos. Sendo assim, uma criança de família de classe média, cujos pais obedecem às normas cultas, automaticamente, tornam-se falantes dessa variedade linguística. Dessa forma, não é tão difícil imaginar que uma criança, cujos pais não são escolarizados, ao adentrarem o espaço escolar, praticam uma norma linguística diferente da exigida pelos currículos oficiais. Cyranka (2018, p.29) propõe um debate sobre o conceito de norma culta nos seguintes termos: “Língua culta, ou variedade cultas. São assim chamados os usos linguísticos dos falantes cultos, falantes urbanos com escolaridade superior completa, em situações monitoradas, seja na modalidade oral, seja na escrita”.

Nesse sentido, Marcos Bagno (1999, p.38) afirma que o preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe:

[...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogadas no dicionário. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errado” feia, estropiada, rudimentar, deficiente [...].

Segundo Bortoni-Ricardo (2004), a escola é um espaço socializador e múltiplo de diferenças, portanto, local privilegiado ao reconhecimento da diferença. Desse modo, a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores, e por meio deles os alunos, têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. Sendo assim, não só o preconceito linguístico como também outros, representam uma realidade na sociedade, que se reflete nas escolas e no nosso cotidiano.

Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social. Ser nordestino, ser mineiro, ser carioca etc. é um motivo de orgulho para quem o é. A forma de alimentar esse orgulho é usar o linguajar de sua região e praticar seus hábitos culturais. No entanto, verifica-se que alguns falares têm mais prestígio no Brasil como um todo que outros. Isso acontece porque vivemos em uma sociedade muito complexa, na qual convivem diferentes grupos sociais.

Bortoni-Ricardo (2004) nos explica que em toda comunidade de fala onde convivem falantes de diversas variedades regionais, como é o caso das grandes metrópoles brasileiras, os falantes que são detentores de maior poder, e por isso gozam de mais prestígio, transferem esse prestígio para a variedade linguística que falam. Assim, as variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas.

Assim, a autora menciona que isso acontece em todos os países, entre os quais podemos citar a Espanha, a Itália e a França. Neste último país, por exemplo, o dialeto francês, que adquiriu mais prestígio e que hoje tem mesmo o *status* de língua nacional, é o falado na região de Paris, onde se estabeleceu primeiramente a Corte francesa e, depois da Revolução Francesa de 1789, a sede da República. Quando um falar, isto é, um dialeto ou variedade regional, é alçado à condição de língua nacional em virtude de um processo sócio-histórico, ele adquire maior prestígio em detrimento dos demais. Lembre-se, porém, de que esses juízos de valor são ideologicamente motivados e geram preconceitos que devemos combater.

Diante de todos os preconceitos, a autora Bortoni-Ricardo (2004) nos alerta a tomarmos conhecimento da magnitude e dos efeitos nefastos do preconceito linguístico para podermos nos municiar de informações científicas e combatê-lo. Assim, a pluralidade cultural

e a rejeição aos preconceitos linguísticos são valores que precisam ser cultivados a partir da educação infantil e do ensino fundamental. Neste caso, o papel da escola e do professor é essencial, porém nem sempre a instituição ensina as variações linguísticas por causa da gramática e da norma padrão.

3 METODOLOGIA

O presente capítulo tem a intenção de apresentar a metodologia desta pesquisa científica, cujo principal objetivo era o de investigar se há contribuição e incentivo das famílias, particularmente das mães e/ou responsável de filhos e de filhas, para o desenvolvimento do hábito de leitura. Com essa intenção – e com o propósito de estabelecer um recorte metodológico –, foi escolhida a cidade de Santo Amaro (BA) como *lócus* da pesquisa.

Santo Amaro da Purificação é uma cidade do Recôncavo Baiano, Estado da Bahia, onde eu resido. Sua população é estimada em 60.190 pessoas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), para ano de 2021. Com a perspectiva de apresentar a cidade, segue a figura de número 01. Da mesma sorte, com a intenção de apresentar as cidades que ficam próximas a Santo Amaro, segue a figura de número 02:

Figura 1 – Imagem da cidade de Santo Amaro



Fonte:

<https://www.google.com/search?q=foto+da+cidade+de+santo+amaro+da+purifica%C3%A7%C3%A3o&hl=pt->

(1989). Logo após a realização dos fichamentos de citação, demos continuidade à organização do nosso capítulo teórico. É oportuno evidenciarmos que, ao longo do processo de pesquisa, sobretudo na etapa de análise dos dados, fomos incitadas a adicionar alguns livros ao nosso referencial, são eles: *Linguística da internet* (2013), *Pedagogia dos multiletramentos* (2012), *Tecnologia para aprender* (2016). Além desses textos que envolvem a tecnologia digital como possibilidade contemporânea de acesso à leitura, também sentimos necessidade de incluir os resultados da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, de 2020, a fim de comparar os resultados de Santo Amaro (BA) com os dados nacionais.

Logo após a etapa do referencial teórico, demos início à realização da parte prática dessa pesquisa. Assim sendo, para compreendermos se havia incentivo entre mães e/ou responsáveis por crianças e adolescentes ao hábito de leitura, decidimos realizar entrevistas. Por isso, primeiramente, em uma reunião com a orientadora, elaboramos dez perguntas, sendo que as primeiras eram referentes ao pertencimento dessas mulheres e as seguintes sobre questões relacionadas mais especificamente à leitura. Além disso, é importante destacar que, elaboramos um termo de consentimento, por meio da primeira pergunta elaborada, já que as entrevistas seriam realizadas à distância (todas as entrevistadas concordaram em participar da pesquisa e autorizaram o uso das respostas). A seguir, as perguntas serão reproduzidas para conhecimento dos/das leitores/leitoras:

1) Eu te convido a participar da minha pesquisa, que é um trabalho da UNILAB. Quero te dizer que participando dela você não corre nenhum tipo de risco. Além disso, eu me comprometo a usar apenas as suas respostas, ou seja, o seu nome não vai aparecer em momento algum. Você concorda em participar e me autoriza a usar as suas respostas?

2) Onde você mora atualmente?

3) Onde você nasceu?

4) Você frequentou a escola? Em caso afirmativo, até que série?

5) Tem filhos? Qual a idade deles?

6) Você tem o costume de ler? Se sim, o que costuma ler?

7) Seus filhos costumam ler? Em quais momentos?

8) Qual é a leitura que seus filhos mais gostam? Livros de papel, textos da internet etc.

Quais?

9) Tem algum momento em que você lê junto com seus filhos?

10) Você acha importante incentivar a leitura às crianças e aos adolescentes?

A partir da definição das questões que orientariam a entrevista, decidimos realizar o que chamamos de “entrevista piloto”. Trata-se de um teste inicial, a fim de verificar se as questões eram de fácil entendimento e que não gerariam nenhum tipo de ambiguidade em sua compreensão. Desse modo, conversei com uma entrevistada, convidando-a a participar desse piloto e ela disse que “sim”. Assim, ela respondeu às dez perguntas e afirmou que os enunciados apresentavam bom entendimento. Em seguida, tive outra reunião com a orientadora para avaliarmos as perguntas e saber se estavam liberadas para o início das demais entrevistas.

Nessa mesma ocasião, decidimos que seria oportuno entrevistarmos também pessoas residentes na zona rural de Santo Amaro, considerando as características geográficas do município. Entretanto, por conta dessa pandemia só consegui uma entrevistada da zona rural, já que o isolamento social impediu que as entrevistas fossem feitas presencialmente. Essa mudança representou a adaptação mais importante dessa pesquisa aos tempos pandêmicos, uma vez que as entrevistas foram feitas em áudio via *Whatsapp*, através do telefone celular. Reconhecemos que seria bem melhor se fosse presencial, porque eu poderia conversar com pessoas desconhecidas do bairro daqui de Santo Amaro chamado Alto do São Francisco, além de ampliar a discussão proposta pelas entrevistadas por meio de uma conversa mais espontânea.

Então, tendo sido definidas as entrevistadas a partir de pessoas já conhecidas, logo enviei as dez perguntas para cada entrevistada e fiquei aguardando o retorno das respostas. É importante explicar que todas as entrevistadas são mães de crianças e de adolescentes, no entanto há apenas uma (JL) que é responsável pelo sobrinho.

Após o recebimento do retorno das entrevistadas, passei a ouvir todos os áudios. Logo depois, elaborei uma tabela com dados de cada entrevistada para facilitar o processo de organização das informações. Em seguida, passei a transcrever o que cada entrevistada tinha falado. Esse foi um processo de muito trabalho, mas bastante importante também. Concluída essa etapa, aproveitamos para estabelecer uma comparação dos dados da nossa pesquisa de Santo Amaro com os resultados obtidos por meio da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* (2020), a fim de situarmos o município em questão em relação ao Brasil. Após a análise e interpretação dos dados, foi elaborado o capítulo de apresentação dos resultados e a síntese dessa pesquisa científica.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Conforme anteriormente evidenciado, essa pesquisa contou, inicialmente, com um processo de revisão de bibliografia, por meio do qual foram lidos e debatidos autores que versam sobre leitura e letramento, principalmente por meio da perspectiva teórica da Sociolinguística Educacional. Logo após, realizamos entrevistas com mães e/ou responsáveis de crianças e de adolescentes, sendo que, entre elas, uma é professora. Essa coleta de dados foi realizada através de um questionário com dez perguntas, as quais foram feitas de forma muito objetiva, para que todas as entrevistadas pudessem compreender e responder. O foco principal dessa entrevista foi averiguar se há incentivo à leitura por parte das responsáveis aos seus filhos e filhas. Assim sendo, após o retorno das entrevistas, segue uma análise das respostas acerca do incentivo à leitura.

4.1 ENTRE MÃES E/OU RESPONSÁVEIS E SEUS FILHOS (AS)

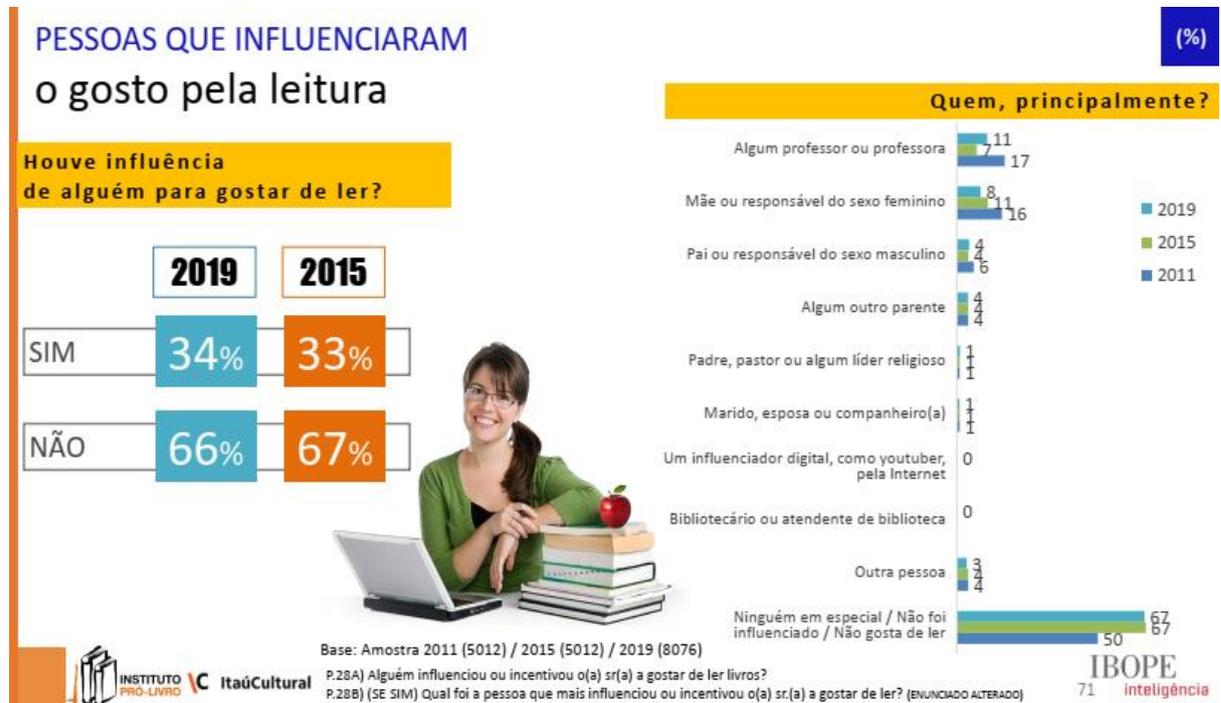
Inicialmente, buscamos investigar sobre os hábitos de leitura de adultos, crianças e adolescentes, da cidade de Santo Amaro (BA). Desse modo, propusemos às nossas entrevistadas as seguintes perguntas: “Você tem costume de ler?” “Seu filho/Sua filha costuma ler?”. Além disso, procuramos saber se havia algum momento em que a entrevistada lia junto com seu filho/sua filha. Nesse contexto, nosso principal foco de interesse era saber se os hábitos de leitura das mães e/ou responsáveis influenciavam no apreço pela leitura de seus filhos e filhas.

Essa intenção investigativa inicial foi motivada pela 5ª Edição da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, divulgada no dia 11 de setembro de 2020, pelo IBOPE Inteligência¹. Nessa pesquisa, foram entrevistados(as) brasileiros e brasileiras de todas as regiões do Brasil, com idade a partir de 05 anos, totalizando 52% do sexo feminino e 48% do sexo masculino. Desse modo, inspiramo-nos no fato de que uma das perguntas principais dessa pesquisa avaliava se havia alguém que influenciou nos hábitos de leitura dos entrevistados. A pergunta elaborada foi “*Houve influência de alguém para gostar de ler?*”. Como resposta, 34% dos entrevistados afirmaram que “sim”, foram influenciados. Especificamente para esses, foi perguntado “quem, principalmente?”, o que gerou como as duas principais respostas: “Alguns

¹ Para mais informações sobre a pesquisa, cf. o site: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>

professor ou professora” (11%) e “mãe ou responsável do sexo feminino” (8%). Esses dados podem ser mais detalhadamente acompanhados por meio da figura 03.

Figura 3 – Pessoas que influenciam no gosto pela leitura



Fonte: 5ª Edição de *Retratos da Leitura no Brasil* (2020, p.71)

Em nossa pesquisa, de um total de oito entrevistadas, apenas duas afirmaram que não têm o hábito de ler. Dentre as seis que afirmaram que costumam ler, os resultados dessa pesquisa realizada em Santo Amaro corroboram o debate de Roxane Rojo (2009), para quem a igreja é uma das principais agências de letramento, logo depois da escola, já que a maioria dos lares brasileiros mantém o hábito de se ler a Bíblia. Conforme Rojo (2009), de acordo com uma pesquisa feita no ano de 2003, para a pergunta “quais livros as pessoas possuem e leem?”, houve as seguintes respostas:

Surpreendentemente, 34% dos analfabetos tinham dicionário em casa. Também 59% possuíam livros didáticos; 58% livros infantis; e 35%, enciclopédias. A literatura, segundo a autora, não parecia estar em alta, pois a posse de livros literários era relativa à condição econômica e, por vezes, à região do país. *Por exemplo, nas classes C/D, concentradas no Norte e Centro-Oeste, 46% dos entrevistados possuíam a Bíblia, aliás o impresso citado como o mais lido eram os livros sagrados ou religiosos.* Já a posse de romances, literatura de aventura, policial ou ficção em geral concentrava-se nas classes A/B e na população jovem 30%. Desses jovens, 20% preferiam ler e escrever poesia. (ROJO, 2009, p.50 – grifos nossos).

Especificamente sobre textos religiosos, a autora propõe o seguinte debate:

Outra coisa parece ser a presença de obras religiosas nos domicílios, na medida em que outra agência que não a educação pública é responsável pela difusão e distribuição desses impressos (as igrejas). Essa agência de letramento tem funcionamento e interesses diferentes dos da esfera da educação pública, como já comentamos. Além disso, o fato de as pessoas declararem possuir livros didáticos, mas lerem a Bíblia e livros religiosos mostra que a esfera religiosa, em termos de letramentos, ganha “de goleada” da esfera educacional. (ROJO, 2009, p.51).

Nesse contexto, quando foram perguntadas sobre o que liam, as entrevistadas de nossa pesquisa nos ofereceram os seguintes depoimentos:

(LL): “Costumo ler a bíblia e também leio alguns paradidáticos com a minha filha.”

(MI) “Atualmente, eu estou lendo... se eu tenho o hábito de ler livros? Sim, os livros que eu mais leio é romance, livros de autoajuda. E o que eu tô lendo agora é a Bíblia Sagrada”.

Além disso, uma entrevistada explicou que a Bíblia é também o livro que ela costuma ler a sua filha, como forma de incentivo à leitura:

(SR) “Eu costumo ler para ela a Bíblia. Ela gosta de ler antes de dormir. Lemos juntos a atividade escolar”.

Na mesma direção do que foi evidenciado por Rojo (2009) e em nossa própria pesquisa realizada em Santo Amaro, na 5ª edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2020), a Bíblia também foi apontada como o livro mais lido no Brasil, mantendo-se em primeiro lugar (dentre os 37 mais citados) ao longo dos anos de 2007, 2011, 2015 e 2019, conforme demonstra a figura 04:

Figura 4 – Último livro lido ou que está lendo

ÚLTIMO LIVRO lido ou que está lendo (%)

	2007	2011	2015	2019
Os 37 mais citados	CLASSIFICAÇÃO			NÚMEROS ABSOLUTOS
Bíblia	1º	1º	1º	362
Diário de um Banana	-	-	2º	14
Turma da Mônica	-	-	-	14
Harry Potter	4º	10º	28º	12
A Cabana	-	3º	20º	10
O Pequeno Príncipe	26º	7º	-	10
A Sutil Arte de Ligar o Foda-Se	-	-	-	9
Casamento Blindado	-	-	3º	8
As Crônicas de Gelo e Fogo	-	-	-	8
50 Tons de Cinza	-	-	5º	8
Dom Casmurro	12º	9º	-	7
O Evangelho Segundo o Espiritismo	-	-	-	7
Ninguém É de Ninguém	-	-	9º	6
Orixás, Caboclos e Guias: Deuses Ou Demônios?	-	-	-	5
O Poder da Ação	-	-	-	5
Branca de Neve e os Sete Anões	8º	-	-	4
A Culpa é das Estrelas	-	-	4º	4
A Arte da Guerra	-	-	-	4
Sapiens uma Breve História da Humanidade	-	-	-	4

Base: Amostra 2007 (5012) / 2011 (5012) / 2015 (5012) / 2019 (8076) Continua...

INSTITUTO PRO-LIVRO ItaúCultural P.19) E qual é o último livro que o(a) sr(a) leu ou está lendo?

IBOPE 82 inteligência

Bases baixas

Fonte: 5ª Edição de *Retratos da Leitura no Brasil* (2020, p.82)

Ainda confirmando a leitura de obras religiosas como uma tendência apontada por Rojo (2009), uma de nossa entrevistada afirma que a sua leitura principal é sobre “espiritualidade”:

(KL): “Tenho costume de ler, costumo ler vários livros, é mais sobre questão de espiritualidade. Gosto de ler de tudo um pouco”.

Dentre as entrevistadas que afirmaram manter hábitos de leituras diferentes em relação ao campo religioso, uma delas afirma que sua principal dedicação é referente a textos teóricos. Ela é uma estudante do ensino superior e já se encontra em sua segunda graduação. Segue o seu depoimento:

(JO) “Os textos que costumo ler são mais textos teórico relacionados à faculdade ou livros relacionados a isso. Não leio jornal, não leio revista, só se for alguma coisa com algum propósito, no caso pra faculdade ou pra iniciação científica, né, a pesquisa que eu faço.”

Além dela, outra entrevistada afirmou que justamente notícias é seu principal foco de interesse em leituras:

(JL) “Sim, leio para mim jornal e outras coisas mais. Tô lendo pela internet, porque a gente não tem tempo de ficar comprando e tudo. Antigamente, eu pegava porque tinha os brinde. O Jornal A Tarde mesmo, tinha os brinde. Não pode ficar pegando nem nada. Não pode sair pra comprar, nem nada. Aí tô lendo mais pela internet. Eu

gosto de ler jornal, O Correio da Bahia. E gosto de ler historinhas pra minha filha.”

Por sua vez, dentre as entrevistadas que afirmam não manterem hábitos de leitura nem pra si, nem juntamente com os filhos e com as filhas, a principal justificativa reside na falta de tempo, principalmente em função de atividades profissionais. Acerca disso, seguem alguns depoimentos:

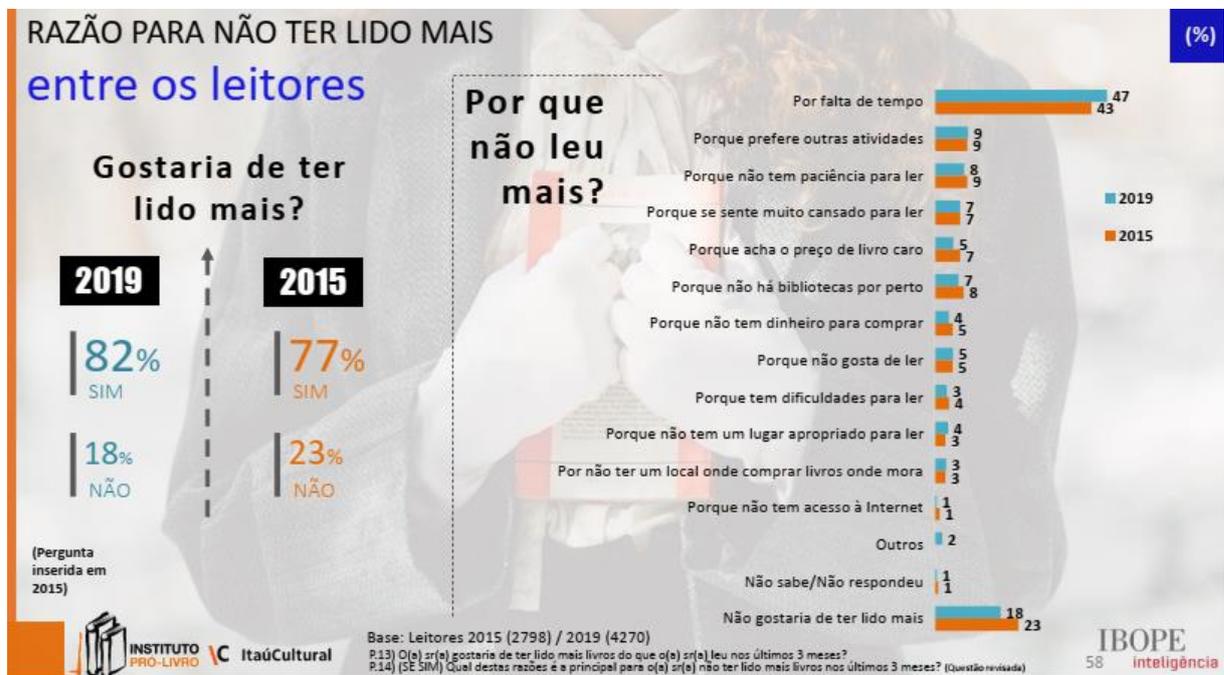
(ND) *“Sim, acho importante a leitura, porém, não tenho tempo pra isso”.*

(KL) *“Não tem nenhum momento que eu pare pra ler com eles, é muito difícil eu trabalhar e não tenho muito tempo”.*

(LL): *“Às vezes, eu sento com ela pra ler. Às vezes, também, eu não, não tenho muita disponibilidade de tá lendo sempre com ela. Mas sempre que dá, a gente lê juntas”.*

Uma vez mais, essa pesquisa realizada em Santo Amaro coaduna com os resultados apontados pela 5ª edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil (2020)*. De acordo com esse inquérito, a principal razão apontada pelos entrevistados para não terem realizado mais leituras é justamente a falta de tempo, correspondendo a 47% das respostas, conforme pode ser observado por meio da figura 05:

Figura 5 – Razão para não ter lido mais entre os leitores



Fonte: 5ª Edição de *Retratos da Leitura no Brasil (2020, p.58)*

A partir de nossas entrevistas, as mães e/ou responsáveis relatam que, justamente pelo fato de trabalhar o dia todo, não têm tempo para ler com seus filhos e filhas. Cabe ressaltar,

porém, que todas elas falam que não deixam de incentivá-los. Desse modo, a família tem um papel muito importante no desenvolvimento da criança e do adolescente, pois o incentivo à leitura por parte da escola e o acompanhamento da família faz toda diferença no processo de formação do leitor.

Particularmente no que se refere aos hábitos de leitura dos filhos e das filhas, as respostas foram bastante variadas. Em um primeiro momento, serão destacadas as respostas positivas, isto é, houve uma série de depoimentos de mães e responsáveis sobre os principais interesses de leitura de seus filhos e filhas e sobre momentos de leitura que ocorrem entre eles e elas:

(LL) “É sempre paradidáticos, revistinhas em quadrinhos, gibis no caso, né, e algumas revistas de animais que ela gosta muito de bichos, né”.

(SR) “Também ela gosta de ler o livrinho de história infantil”.

(RO) “Minha filha gosta de ler romance, fantasia e ficções”.

(JD) “Leio para ela revista em quadrinho, historinhas. Geralmente, ela gosta de historinhas de princesa. E tem vez que eu leio, eu procuro historinhas em internet da princesa Sofia, Helena de Havaló. E historinha da Barbie, Pinóquio também e Gato de botas”.

A criança pequena adquire o prazer pelos livros quando são apresentadas às literaturas ilustradas, de preferência com gravuras que faça parte do seu mundo infantil. Isso deve acontecer nos seus primeiros anos de vida, até mesmo porque a criança consegue assimilar com mais facilidade. O livro infantil com ilustração é muito importante, pois isso permite e faz com que a criança entre no mundo da leitura.

(ME) “Sim, ela lê muito. E agora na pandemia tá lendo mais ainda.”

(SR) “Lemos juntas a atividade escolar”.

Conforme visto, há crianças que ainda não se encontram alfabetizadas, mas que contam com sua mãe e/ou responsável para fazer essa leitura conjunta. Acerca disso, novamente em conformidade com Ferreiro (1996, p.65):

Muito antes de serem capaz de lêr, no sentido convencional do termo, as crianças tentam interpretar os diversos textos que encontram ao seu redor (livros, embalagens, comerciais, cartazes de ruas), títulos (anúncios de televisão, histórias em quadrinhos etc.) (FERREIRO, 1996, p.65).

Dessa maneira, a criança passa a ter contato com a literatura principalmente sendo acompanhada pelos seus responsáveis. É sempre bom ter algum tipo de livro infantil em casa, tais como gibis, contos, fábulas, entre outros gêneros literários. Assim sendo, a criança

interage com seus personagens e desperta interesse pelo mundo letrado. Nesse contexto, é válido destacar novamente o apontamento de Soares (2003, p.24), segundo quem:

[...] a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é de certa forma, letrada.

Aproveitando o interesse e o gosto da criança pela leitura, a família deve continuar dando incentivo, de modo que a criança e o adolescente se sintam motivados para realizar a atividade. Além disso, o hábito pela leitura favorece o desenvolvimento da criança e do adolescente. Neste sentido, a prática da leitura prepara o adolescente para ser o futuro leitor e para que possa estar bem-informado no meio em que vive. A leitura também contribui com o vocabulário, na fala e na escrita.

Por sua vez, há crianças que afirmam categoricamente que não gostam de ler, muito embora haja esforços por parte de sua mãe e/ou responsáveis, conforme o depoimento a seguir:

(KL): “Tenho costume de ler sim. Costumo ler vários livros, não tenho assim... É mais assim sobre questão de espiritualidade. Gosta de ler de tudo um pouco. Meus filhos não costumam ler. Malmente coisas a respeito da escola. Eu incentivo a leitura, mas eles não têm muito assim esse hábito da leitura, não. Eu realmente quase que eu brigo, sabe. Em algum momento, eles pegarem um livro. Eu dou livro, revista e tudo, mas eles não costumam, não gostam de ler, não. Eles não têm gosto assim específico por leitura. Pela internet, eles até param pra ler alguma coisa, mas gostar mesmo, não.”

Especificamente sobre esse debate que há entre os hábitos de leitura em papel em contraste com os hábitos de leitura pela internet, segue o subcapítulo 4.2, o qual mais especificamente vai se dedicar aos processos contemporâneos de leitura.

4.2 LEITURAS CONTEMPORÂNEAS

Contemporaneamente, os hábitos de leitura têm se modificado, de tal modo que muito se discute sobre os chamados “letramentos de papel” e os “letramentos de tela”. Nesse contexto, David Crystal, em entrevista para Tânia Shepherd e Tânia Saliés, publicada no livro *Linguística da internet (2013)*, afirma:

As pessoas reclamam que “os adolescentes não leem”, quando na realidade os adolescentes leem o tempo todo – no telefone celular, no Facebook...

É de extrema importância a leitura ser uma rotina na vida desses jovens. Talvez não estejam lendo o que os adultos querem que eles leiam (Shakespeare, Dickens...), mas estão lendo. Então, o desafio pedagógico é encontrar modos de encurtar a distância até a literatura sofisticada – de usar a tecnologia como ponto de encontro com ela. Em vez de proibir as mensagens de texto em sala de aula, precisamos usá-las para fazer poesia (e romances, em algumas partes do mundo). Precisamos tornar o letramento digital uma prioridade nas bibliotecas das escolas. Precisamos distribuir notebooks para as crianças, caso ainda não os tenham. E, de forma geral, precisamos trabalhar em prol de um clima de respeito pelo modo de os jovens verem o mundo em vez de condená-lo. (SHEPHERD, SALIÉS, 2013, p.27).

A comunicação pela internet se tornou uma das mais utilizadas nos tempos contemporâneos devido a sua facilidade para a troca de mensagens, conversa no dia a dia como também para outras necessidades. Nesse cenário, os livros de papel têm dividido espaço com as TICs, isto é, Tecnologias da Informação e Comunicação. Segundo Rojo (2012, p.14 – grifos da autora), em “Pedagogia dos multiletramentos”, “vivemos, já pelo menos desde o início do século XX (senão desde sempre), em sociedades de **híbridos impuros, fronteiriços**”.

A partir dessa mesma perspectiva, mas considerando o espaço escolar, Carla Coscarelli, na introdução da obra *Tecnologias para aprender* (2016), destaca:

A escola tem mudado, e muitos professores de língua, tanto materna quanto estrangeira, já adotaram uma perspectiva mais discursiva da linguagem e se preocupam com o desenvolvimento do letramento dos alunos, incluindo o digital. Precisamos de mais pesquisas que nos ajudem a conhecer práticas que contribuam para o letramento digital dos alunos e para a integração das tecnologias digitais nos ambientes educacionais, contribuindo para uma escola mais atual e mais preparada para educar cidadãos capazes de enfrentar, com sucesso, os desafios do século XXI. (COSCARELLI, 2016, p. 14)

Com a intenção de investigarmos essa situação das leituras contemporâneas em Santo Amaro, propusemos as seguintes perguntas às entrevistadas: “Qual é a leitura que seus filhos mais gostam? Livros de papel, texto da internet, quais?”. Dentre os vários depoimentos sobre leituras realizadas pela internet, uma entrevistada afirmou que sua filha de 11 anos é leitora de gêneros textuais tipicamente dos novos “letramentos da tela”:

(ME) “Ela lê livros pela internet. Livros da Fanfic. E os livros que ela lê mais são *O Contrato*, *Meus sete anjinhos*, *O sol e a lua*.”

Por *fanfic* entende-se que são histórias criadas por fãs de determinados livros, série ou sagas, utilizando os mesmos personagens, porém com alterações no enredo. Assim sendo,

de acordo com Elizabeth Alves, em *Fanfiction: escrita, colaboração e reescrita no ambiente digital* (2015, p.27-28),

Os autores dessas *fic*s são chamados de fictores. Esse tipo de gênero não apresenta caráter comercial nem lucrativo, pois é escrito por fãs que se utilizam de personagens ficcionais já existentes. [...] Os autores de *fanfiction* escrevem a partir de certa afinidade que desenvolveram com personagens conhecidas através de leituras de livros, filmes, seriados, bandas. Tais personagens despertam neles um sentimento que ultrapassa o contentamento em apenas ler, assistir, ouvir, levando-os a interagir por intermédio da produção escrita, criando e recriando histórias fictícias, agindo como autores, ainda que sem fins lucrativos.

É importante um/uma adolescente ter interesse por leitura de livros, mesmo sendo virtuais. Com isso, esse interesse pode fazer com que ele/ela venha a desenvolver conhecimentos, tanto na fala quanto na escrita. Isso mostra que a tecnologia está presente no hábito da leitura contemporânea.

No que se refere ao fato de haver certo tipo de “disputa” entre os letramentos de papel e os de tela – o que gera um pouco de desconforto nas mães e/ou responsáveis – seguem os depoimentos de três entrevistadas, revelando que pode estar havendo um “conflito de gerações”, como apontado por David Crystal:

Neste momento, encontramos-nos em um período de transição esquisito, de confronto entre essas gerações. O uso da tecnologia pelos jovens é visto com desconfiança. Os telefones celulares são proibidos em sala de aula. Mitos sobre o impacto do meio eletrônico na linguagem encontram-se por todos os lados. (SHEPHERD; SALIÉS, 2013, p.27).

(KL) “Eles não têm gosto assim específico por leitura. Pela internet, eles até param para ler alguma coisa, mas gostar mesmo, não”.

(JL) “Em relação à leitura, ele não gosta, viu. Tá ainda conhecendo as letras. Agora não gosta não, o negócio dele é mais o celular. Tá mais difícil, viu, pra os pais estimularem a leitura ou estimular uma criança a se prender [...], a chamar atenção”.

(KL) “Acho sim importante incentivar a leitura. É, hoje com o uso da internet, até as aulas é EAD. Ficou mais difícil pra eles ter atenção com as coisas da escola, com o celular na mão. Eles não têm muita atenção. Eles ficam muito disperso, porque vai chegando mensagem, vai entrando muita coisa no celular. Então, a atenção que é pra ser dada nas coisas a respeito da escola, às vezes, é mais difícil pra eles, entendeu? Mas eu incentivo, sim, a leitura”.

(JL) “Eu acho sim muito importante, né. E se eu posso falar assim que em meio a todos esses avanços tecnológicos, as crianças e os adolescentes, eles estão presos mais nas novas tecnologias. Não que isso não seja importante, sim. Mas que essas tecnologias, elas sejam alinhadas pra que as crianças não fique só presa naquilo, mas que também elas valorize o impresso, o papel”.

Diante dos depoimentos das entrevistadas, observa-se que as novas gerações têm despertado maior interesse por aparelho digitais. Dessa forma, as tecnologias modificaram a

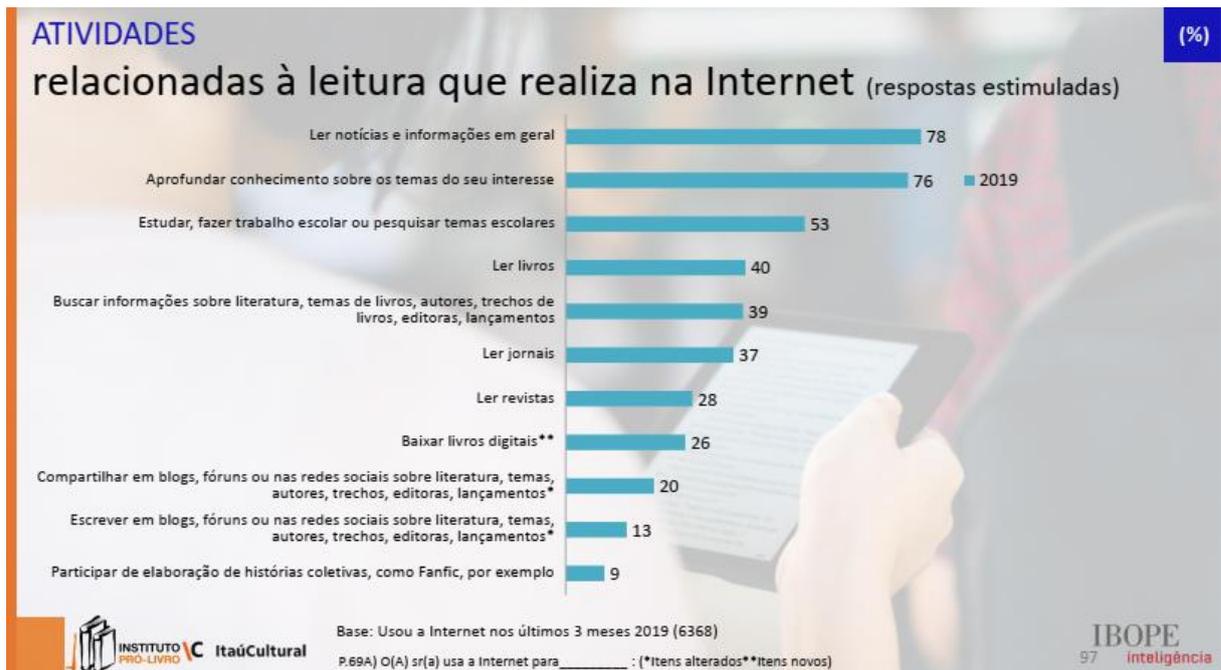
forma de leitura e de aprendizagem das pessoas. Com isso, observa-se que a Tecnologia da Informação e Comunicação, sendo usada de forma adequada, é uma ferramenta de ensino e aprendizagem, sobretudo por estar presente na vida da maioria das pessoas. Nesse sentido, as pessoas hoje em dia leem muito mais pela internet no computador ou no celular do que livro de papel. De acordo com o PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – IBGE TIC, 2019), a internet chega a 82,7% dos domicílios do país.

De 2018 para 2019, o percentual de domicílios em que havia utilização da internet subiu de 79,1% para 82,7%, isto é, um aumento de 3,6 pontos percentuais. Mesmo assim, em 2019, em 12,6 milhões domicílios do país não havia internet, devido à falta de interesse (32,9%), ao serviço de acesso ser considerado caro (26,2%) ou por nenhum morador saber usar a internet (25,7%).

Segundo os dados da PNAD Contínua do IBGE, no 4º trimestre de 2019, sobre o acesso à Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), o equipamento mais usado para acessar à internet continuou sendo o celular, encontrado em 99,5% dos domicílios que acessavam a rede. O segundo foi o microcomputador (45,1%); seguido pela televisão (31,7%) e pelo tablet (12,0%). Houve redução de 3 p.p. no uso de microcomputador e de 1,4 p.p. no tablet, mas houve alta de 8,4 p.p. no uso da televisão.

Por sua vez, segundo a 5ª edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2020) – igualmente corroborando com alguns depoimentos de nossas entrevistadas do município de Santo Amaro –, as principais atividades de leitura realizadas na internet são: ler notícias e informações em geral (78%); aprofundar conhecimento sobre temas de seu interesse (76%); estudar, fazer trabalho escolar ou pesquisar temas escolares (53%); e ler livros (40%). Para mais informações sobre o resultado dessa pesquisa, segue a figura de número 06:

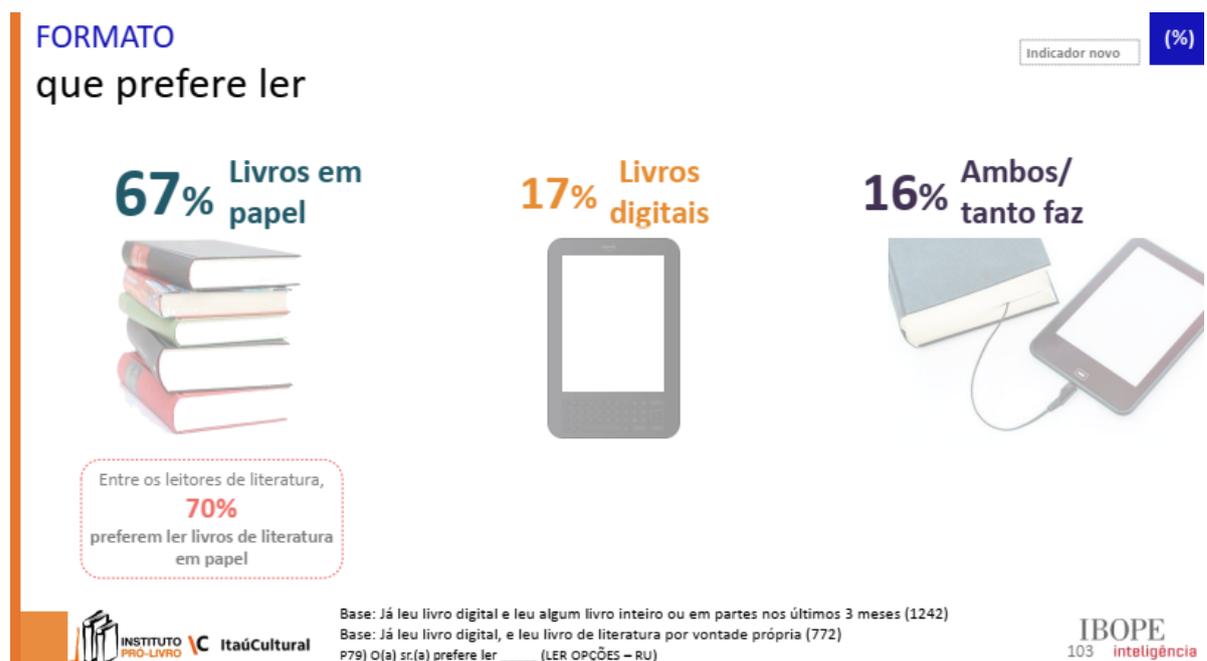
Figura 6 – Atividades relacionadas à leitura que realiza na Internet



Fonte: 5ª Edição de *Retratos da Leitura no Brasil* (2020, p.97)

Entretanto, pelo que tudo indica, há ainda resistências no que se refere às leituras em ambientes tecnológicos para os brasileiros. Ainda segundo a pesquisa *Retratos de leitura no Brasil*, no que se refere à preferência pelo formato de leitura, os livros físicos, em papel, seguem sendo a principal escolha dos entrevistados, como demonstra a figura de número 07:

Figura 7 – Formato que prefere ler



Fonte: 5ª Edição de *Retratos da Leitura no Brasil* (2020, p.103)

4.3 INCENTIVO À LEITURA

Partindo da perspectiva de que o hábito pela leitura é fundamental para o desenvolvimento da criança em sociedades letradas e que a contribuição da família se mostra muito importante para o desenvolvimento desse hábito, nós propusemos a seguinte pergunta às mães e/ou responsáveis: “Você acha importante incentivar a leitura às crianças e aos adolescentes?” Como resposta a esta pergunta, de acordo com a pesquisa, todas as entrevistadas afirmaram que incentivam seus filhos/filhas para a leitura. A afirmação de que o incentivo à leitura é importante mostrou-se, portanto, unívoca.

Porém, após observamos as respostas, buscamos aprofundar a compreensão sobre o sentido da palavra “incentivo”. Assim sendo, observamos que incentivo pode ser um estímulo que é dado a um indivíduo para um bom desempenho com a intenção de mantê-lo ativo². Quando uma criança se esforça para alcançar o sucesso da leitura não só olha para o seu próprio desenvolvimento pessoal e intelectual, mas também é provável que anseia a reação de seus pais ou responsáveis, onde gerará uma satisfação e orgulho em seus olhos. Como sinônimos da palavra “incentivo” aparecem “encorajamento”, “estímulo”³. Justamente nessa direção parecem vir as posições das entrevistadas acerca da importância de se encorajar seus filhos e filhas ao hábito da leitura, conforme revelam os seguintes depoimentos:

(SR) “É importante incentivar a leitura na criança e no adolescente porque estimula a criatividade.”

(JD) “Sim, eu acho importante incentivar a leitura nas crianças e adolescente, porque a leitura é tudo. É da leitura que você aprende a escrever, aprende a ler, interpretar e fazer interpretação de certos tipos textos. Principalmente, quando se refere a uma redação. A leitura já faz parte de nossa vida. Quem não lê, não aprende nada. Quem não lê, não vive para o mundo”.

(LL) “Sim. Eu concordo, sim, com a leitura para as crianças e para os adolescentes. Porque isso vai desenvolvê-las, vai prepará-las para o futuro, né. Porque, hoje em dia, a gente pode viajar só com a leitura nos livros, né. Então, é uma viagem de conhecimento, aprendizagem e crescimento para a criança e o adolescente e o adulto também. Porque ao longo da nossa vida que a gente vai crescendo, a gente sempre vai ter que se especializar, né. Então, a leitura abre portas, né. É outra janela. É uma janela nova abrindo. É uma outra dimensão abrindo, né, nossos olhos. Com a leitura hoje em dia, a gente pode, né, crescer em várias formas, em vários âmbitos, né. Enfim, a leitura realmente é muito importante.”

Conforme as impressões das entrevistadas, a leitura é muito importante para a formação do indivíduo e, por isso, ela deve fazer parte de nossas vidas. As entrevistadas associam a leitura à interpretação de mundo. Nesse sentido, novamente de acordo com Paulo

² Fonte: Disponível em <https://conceito.de/incentivo>. Acesso em 26 de setembro de 2021.

³ Fonte: Disponível em <https://oquee.com/incentivo/>. Acesso em 26 de setembro de 2021.

Freire (1989), antes mesmo de realizar a leitura da palavra escrita é necessário que se realize a leitura de mundo:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1989, p. 11-12).

É importante dizer que, em uma sociedade letrada, a leitura tem o poder de transformar qualquer indivíduo, tanto no meio virtual quanto em papel. Quando incentivada desde a sua infância, é possível que a criança venha sentir o prazer de ler. Por isso, é importante fazer contação de histórias, mesmo porque mexe com a imaginação delas. Nesse sentido, Paulo Freire (1989) ressalta:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1989, p. 09).

Sabemos que a leitura contribui para a formação do adulto crítico e consciente que se torna o agente transformador da sua realidade. Acerca disso, segundo bell hooks (2020, p.31-32):

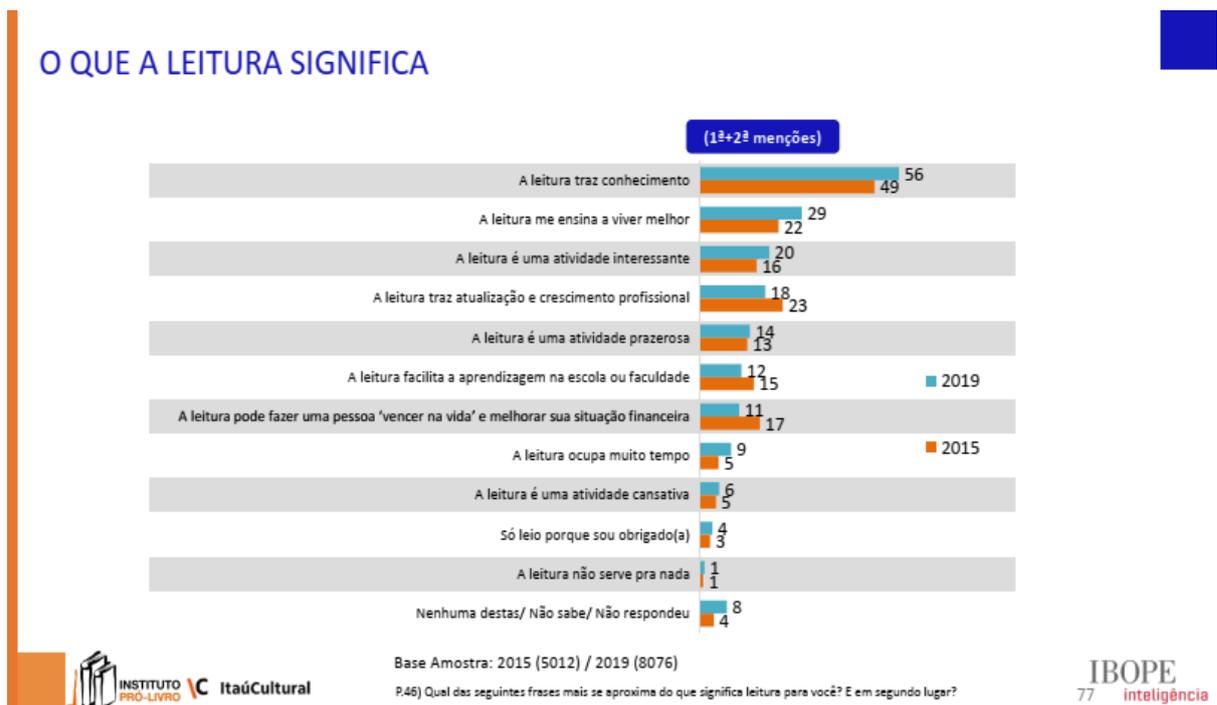
Pensar é uma ação. Para todas as pessoas que pretendem ser intelectuais, pensamentos são laboratórios aonde se vai para formular perguntas e encontrar respostas, o lugar onde se unem visões de teorias e práticas. O cerne do pensamento crítico é o anseio por saber – por compreender o funcionamento da vida. Crianças têm, organicamente, predisposição para o pensamento crítico. Ultrapassando as fronteiras de raças, classe social, gênero e circunstâncias, crianças entram no mundo do maravilhamento e da linguagem preenchidas pelo desejo por conhecimento. Algumas vezes, elas anseiam tanto por conhecimento que se tornam interrogadoras incansáveis – exigem saber quem, o quê, quando, onde e o porquê da vida. Em busca de respostas, aprendem, quase instintivamente a pensar.

Assim sendo, a leitura deve ser vista como instrumento para que as crianças possam envolver-se mais profundamente nas práticas e nos usos da língua escrita. Quando a família cumpre o seu papel de incentivo à leitura, o trabalho da escola se torna mais fácil.

Nesse contexto, buscando compreender o porquê de ter sido unânime as respostas das entrevistadas sobre a importância do incentivo à leitura aos seus filhos e filhas, uma pista importante pode ter sido dada pela 5ª edição da pesquisa *Retratos de Leitura no Brasil* (2020). Quando investigados sobre o significado da leitura, os entrevistados deram, principalmente, as

seguintes respostas: “a leitura traz conhecimentos” (56%); “a leitura me ensina a viver melhor” (29%); “a leitura é uma atividade interessante” (20%); “a leitura traz atualização e crescimento profissional” (18%); “a leitura é uma atividade prazerosa” (14%); “a leitura é uma atividade prazerosa” (14%); “a leitura facilita a aprendizagem na escola ou faculdade” (12%); “a leitura pode fazer uma pessoa ‘vencer na vida’ e melhorar sua situação financeira” (11%). Essas respostas podem ser acompanhadas por meio da figura 08:

Figura 8 – O que a leitura significa



Fonte: 5ª Edição de *Retratos da Leitura no Brasil* (2020, p.77)

Assim sendo, muito possivelmente, a compreensão de que incentivar a leitura pode representar sucesso na vida futura de seus filhos e filhas pode ter sido o principal motivador para que as respostas das mães e/ou responsáveis tenham sido unânimes quanto à importância de motivarem seus filhos e filhas a ler – inclusive daquelas que afirmam não ter, elas próprias, o hábito de leitura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O patrono da educação brasileira, o grande mestre Paulo Freire, nos ensina que a leitura de mundo é tão importante quanto a leitura da palavra. Segundo Freire (1989, p.11), a partir de relatos de sua própria experiência de aprendiz:

a decifração da palavra fluía naturalmente da leitura do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando superpostamente a ele: “Fui alfabetizado no chão do quintal da minha casa, a sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro negro; gravetos meu giz”.

Dessa maneira, Freire dá a entender como foi sua infância, ou seja, como foi alfabetizado naturalmente, sem perceber que estava adquirindo conhecimento e domínio da língua escrita e da leitura. Então, nesse sentido, podemos dizer que é imprescindível levar em conta todo o conhecimento informal, cada experiência que a criança traz do seu mundo. Assim sendo, para Freire, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

A partir dessa inspiração inicial, a presente pesquisa dedicou-se a compreender a forma como a leitura tem sido incentivada às novas gerações, particularmente na cidade de Santo Amaro (BA). Nesse sentido, entrevistamos mães e/ou responsáveis de crianças e de adolescentes, para verificar como são os hábitos de leitura, bem como se dá o incentivo a essa prática. Com isto, queremos deixar claro que o incentivo para a leitura não só vem da família, mas também do/da professor/a, de amigos/as e da sociedade de forma geral.

Sendo assim, nas entrevistas, buscamos compreender o que nossas entrevistadas liam (se liam). Foi interessante perceber que, quase por unanimidade, as entrevistadas de nossa pesquisa assumiram que liam a Bíblia. Inclusive, uma entrevistada explicou que a Bíblia é também o livro que ela costuma ler a sua filha, como forma de incentivo à leitura. Neste contexto, na 5ª edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2020), a Bíblia também foi apontada como o livro mais lido no Brasil, mantendo-se em primeiro lugar (dentre os 37 mais citados) ao longo dos anos de 2007, 2011, 2015 e 2019.

Dessa forma, é muito interessante saber que a maior parte dos dados de Santo Amaro, Estado da Bahia, coincide com os dados nacionais, isto é, a cidade está no mesmo processo de acesso à leitura que o cenário brasileiro mais amplo. Além disso, os dados apontam para o fato de que as leituras da *internet* precisam ser mais consideradas no que se refere ao incentivo da família, já que têm desempenhado um papel muito importante no hábito de leitura.

A comunicação pela internet se tornou uma das mais utilizadas nos tempos contemporâneos, devido a sua facilidade para a troca de mensagens, conversa no dia a dia, como também para outras necessidades. Nesse cenário, os livros de papel têm dividido espaço com as TICs, isto é, com as Tecnologias da Informação e Comunicação. Segundo Rojo (2012, p. 14 – grifos da autora), em *Pedagogia dos multiletramentos*, “vivemos, já pelo menos desde o início do século XX (senão desde sempre), em **sociedades de híbridos impuros, fronteiriços**”.

Em suma, por meio da presente pesquisa, tivemos a oportunidade de perceber que, por mais que estejamos no século XXI, a família, principalmente as figuras femininas, realmente apresentam um papel muito importante no hábito de leitura das crianças e dos adolescentes.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Elizabeth Conceição de Almeida. **Fanfiction: escrita, colaboração e reescrita no ambiente digital.** In: INTERNATIONAL CONGRESS OF CRITICAL APPLIED LINGUISTICS. **Anais do evento.** Brasília. Outubro 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/projetos/iccal/pages/arquivos/ANAIS/AGENCIA/FANFICTION%20E%20SCRITA%20COLABORACAO%20E%20REESCRITA.pdf>. Acesso em 12 de outubro de 2021.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BARBOSA, Maria Lúcia Ferreira de Figueiredo. **Práticas de Leitura no ensino fundamental.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula.** São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual da Sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2014.
- CHIAPPINI, Lígia. (org.). **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos.** Vol. II. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- COSCARELLI, Carla Viana (org.). **Tecnologias para aprender.** 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- CYRANKA, Lucia. **A pedagogia da variação Linguística na escola: experiências bem-sucedidas.** Londrina: Eduel, 2018.
- CYRANKA, Lucia. Sociolinguística aplica à educação. In.: MOLLICA, Maria Cecília. JUNIOR, Celso Ferrarezi (orgs.). **Sociolinguística, Sociolinguísticas: uma introdução.** São Paulo: Editora Contexto, 2016.
- FERREIRO, Emília. **Alfabetização em Processo.** São Paulo: Cortez, 1996.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização.** São Paulo: 24 ed. Cortez, 2001.
- FREIRE, Paulo. **A importância do hábito de ler: em três artigos que se completam /** São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico: a sabedoria prática.** São Paulo: Editora Elefante, 2020.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retrato da Leitura no Brasil.** 5ª edição, 2020. Disponível <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/> Acesso em 24 de junho de 2021.
- MOLLICA, Maria Cecília. **Fala, letramento e inclusão social.** São Paulo: Editora Contexto, 2007.

ROJO, Roxane. **Letramento múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos. In.: ROJO, Roxane. MOURA, Eduardo (orgs.) **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SHEPHERD, Tania. SALIÈS, Tânia. O princípio: entrevista com David Crystal. *In*: SHEPHERD, Tania. SALIÈS, Tânia. **Linguística da internet**. São Paulo: Contexto, 2013.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento na educação infantil**. Educação Infantil, Porto Alegre, V.6, N.20, jul. 2006.

SOARES, Magda. **Letramento: Um tema de três gêneros**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.